

EDUCAÇÃO PARA A IGUALDADE NA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Ana Camila Amorim de Lima (1); Maria Manoela Andrade da Silva (2); Adlene Arantes (3).

(¹Universidade de Pernambuco, *k-myla-l@hotmail.com*, ² Universidade de Pernambuco, *andrademanuela442@gmail.com*, ³ Universidade de Pernambuco, *adlene.arantes@gmail.com*)

Resumo: Este estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla que busca compreender as formas de desigualdades entre gêneros que são reproduzidas no ambiente escolar e trazer reflexões sobre a necessidade de debater sobre as questões de gênero nas escolas. A pesquisa foi realizada no ano de 2017, durante a realização de estágio supervisionado na Escola Municipal Programa Amor, em Carpina-PE. O *corpus* constitui-se de uma sequência didática dividida em (3) três momentos e 35 (trinta e cinco) questionários com questões abertas. A análise desses instrumentos teve como fundamentação teórica os estudos de Silva (2007), Casagrande (2008), Auad (2010), entre outros, que trazem a importância da discussão das questões de gênero no ambiente escolar para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. As análises revelaram que as desigualdades de gênero são aprendidas e naturalizadas culturalmente, porém, muitas vezes, são reforçadas no ambiente escolar e na prática docente, diante de atitudes que caracterizam “coisas de menina” e “coisas de menino” desvalorizando as vontades e expectativas de cada um e levando em consideração apenas o que é culturalmente considerado “normal” de acordo com o gênero de cada indivíduo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla que busca promover debates em torno das desigualdades de gênero no ambiente escolar, bem como discutir as concepções naturalizadas em torno de masculinidades e feminilidades, que depositam expectativas em meninos e meninas, direcionando o que é considerado socialmente aceitável para ambos os sexos.

Partimos do pressuposto de que a escola é um ambiente perpassado por questões a respeito do preconceito entre gêneros e, embora, nem sempre façam parte dos

currículos escolares e dos cursos de formação de professores como objeto de discussão e análise, as questões de gênero estão presentes no cotidiano escolar, nas relações sociais que ocorrem dentro da escola, e, conseqüentemente, na prática pedagógica do corpo docente. Nesse contexto, Silva (2007, p. 39) destaca que para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero se refere à construção social do sexo anatômico. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.

O gênero determina o que é socialmente permitido e valorizado em uma mulher ou em um homem e esses atributos são aprendidos por meio de processos de socialização desde a infância, sendo a escola um espaço que, muitas vezes, reforça de maneira sutil os comportamentos considerados adequados apenas para meninas ou apenas para meninos. Nunes (2002) ressalta que ainda há machismo enalacrado na divisão dos comportamentos, nas cores e na distribuição dos brinquedos às crianças. Dessa forma, acreditamos que a escola tem uma importante função no sentido de promover práticas e debates acerca das questões de gênero, contribuindo para a desnaturalização de relações sociais desiguais entre homens e mulheres e para a construção de uma sociedade mais igualitária.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo e de caráter qualitativo que tem como foco o processo vivenciado pelos sujeitos. Conforme Almeida (1996, p. 104) Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordenam dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, tais como: entrevista, formulário, questionário e observação, leitura analítica.

Os sujeitos desta pesquisa são os alunos do 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Programa Amor, localizada no município de Carpina- PE, com faixa etária entre 9 e 10 anos, dos quais 16 são meninas e 19 são meninos. A escolha desses sujeitos justifica-se pelo fato de que os mesmos encontram-se em pleno processo de desenvolvimento e construção de suas identidades, e a escola, como espaço social de formação dos sujeitos, tem o papel fundamental de promover e mediar discussões a respeito das desigualdades de gênero.

Esta pesquisa foi fruto de um estágio supervisionado realizado na instituição de ensino mencionada anteriormente. Após um mês de observação da rotina escolar, iniciamos o processo para a coleta de dados que foi realizado em quatro momentos: 1) Leitura do livro *O menino Nito*, de Sônia Rosa, editora Pallas, publicado pela primeira vez em 1995, que serviu de motivação para dar início a uma roda de conversa, 2) Exibição do vídeo *Ana e João- uma questão de gênero*, acompanhando de debate sobre a naturalização de desigualdades entre meninos e meninas, 3) Pesquisa e exposição relacionada ao tema “Mulheres que fizeram história no Brasil e no mundo”, 4) Aplicação de questionário.

Foram utilizados questionários com perguntas abertas sobre questões comportamentais relacionadas ao gênero e culturalmente naturalizadas pela sociedade. Segundo Gil (2008), o questionário pode ser definido como uma técnica de investigação social por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comento presente ou passado.

Para a análise desse instrumento, tomamos como referência a análise de conteúdo. Para Bardin (2009), a análise de conteúdo, enquanto método torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Iniciamos a pesquisa com a leitura do livro *O menino Nito*, que traz a história de um menino que tinha um “defeito”: chorar por tudo. Até que o pai lhe chama e diz que homem não chora e que, por conta disso, o garoto deveria segurar o choro. O objetivo foi motivar os alunos para dar início a uma roda de conversa, permeada por questões de desigualdades relacionadas ao gênero, partindo da questão apresentada no livro: o choro entre os homens.

O segundo momento foi destinado à exibição do vídeo “*Ana e João- uma questão de gênero*” que destaca os padrões culturais de gênero impostos desde a infância ao citar que Ana vai usar rosa e João azul, ela vai ganhar bonecas e ele carrinhos, Ana fará aulas de balé enquanto João vai para o futebol, e outros comportamentos impostos desde a infância a meninos e meninas, baseados apenas no gênero dos mesmos, sem levar em consideração suas preferências e anseios.

No terceiro momento os alunos foram orientados a pesquisar sobre mulheres que fizeram contribuições para a sociedade e que, não tiveram destaque por suas

atuações, seja nos esportes, na cultura ou na história. A exposição foi feita em grupos de 5 alunos, com cartazes onde os mesmos explicavam o motivo de suas escolhas. Por fim, após a roda de conversa, debates e a exposição foram entregues aos alunos dois questionamentos: 1) Em sua opinião, menina pode tudo? 2) O que pode ser feito para que as desigualdades não sejam naturalizadas?

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diariamente a escola ensina sobre relações de gênero, e, infelizmente, muitas vezes acabam reforçando desigualdades. Distinguir “coisas de menina” e “coisas de menino” no ambiente escolar, inclusive as brincadeiras e os brinquedos, podem limitar as crianças e impedi-las de desenvolver todo o seu potencial. Segundo Brougère (1994), os brinquedos destinados às crianças formam imagens do esperado de seu futuro quando adultas. Assim, os brinquedos de meninos remetem à aventura e os brinquedos de meninas remetem ao cotidiano doméstico. O brinquedo reflete, então, uma imagem social de realidade e não a realidade social, havendo uma idealização, por exemplo, da jovem bonita e independente ou da maternagem para meninas.

Durante a realização da roda de conversa e dos debates acerca das desigualdades de gênero, pudemos perceber que a divisão entre meninos e meninas é recorrente, seja no mural de aniversariantes da sala, na escolha da realização de determinadas atividades, na distribuição de brinquedos e na escolha das brincadeiras. Essas observações nos despertaram para a necessidade de incentivar os alunos a refletirem sobre essas questões.

Inicialmente procuramos identificar opiniões e comportamentos considerados normais para meninas e meninos. Após a leitura do livro *O menino Nito*, de Sônia Rosa, 15 dos 19 meninos que participaram da pesquisa afirmaram já terem ouvido de alguém próximo que homem não chora e 4 deles declararam já terem chorado escondido após ter ouvido a mesma frase.

Já após a exibição do vídeo “Ana e João- uma questão de gênero” 5 das 16 meninas que possuem irmãos afirmaram que os mesmos não ajudam nas tarefas de casa, enquanto apenas 2 entre os 19 meninos ajudam nas tarefas do lar. No que diz respeito as brincadeiras, 17 dos 19 meninos disseram que as meninas poderiam brincar de qualquer coisa, porém eles não costumavam brincar junto com as elas no

recreio e todas as 16 meninas participantes da pesquisa disseram já terem deixado de participar de alguma brincadeira sob argumento de que “era coisa de menino”.

Os debates contribuíram para incentivar questionamentos e reflexões a respeito das desigualdades de gênero e como essas desigualdades, muitas vezes, não expressam aquilo que os alunos sentiam ou acreditavam. Questões simples como: 1) Por que uma menina não pode jogar bola? 2) Por que meninos não podem ajudar nas tarefas da casa? 3) Existem cores de meninas e cores de meninos? Essas e outras questões abriram espaço para uma identificar uma realidade que é aprendida e naturalizada desde a infância: a desigualdade entre os gêneros, e essa realidade vem sendo reforçada nas escolas, onde ainda não há empenho suficiente em garantir que meninos e meninas, que se tornarão homens e mulheres, possam viver em uma sociedade mais igualitária.

Casagrande (2008) enfatiza que discutir as relações de gênero no ambiente escolar é de fundamental importância quando se pensa em construir uma educação democrática que possibilite a todos os seus agentes, igualdade de condições e de oportunidades. Realizar discussões e debates a respeito das desigualdades nos fez perceber que o caminho a ser percorrido ainda é longo, que os questionamentos e reflexões se fazem necessários e que as diferenças entre homens e mulheres não é problema, o problema consiste em supervalorizar características ditas masculinas.

Sabemos que aqui foi dado apenas o pontapé inicial para questionamentos maiores, que a igualdade entre gêneros se constrói a cada dia, que é preciso mais espaço e iniciativas dentro do ambiente escolar a respeito desse tema, e que na escola os discursos ganham relevância, porém Auad (2010) enfatiza que, se por um lado, sabe-se que o discurso constitui parte da realidade, somente ele não basta para transformá-la. Continuamente, há de se voltar à atenção para as práticas e elementos de nosso cotidiano que, ao passarem despercebidamente, expressam e reforçam concepções cristalizadas acerca das relações que estabelecemos dentro e fora da escola.

CONCLUSÃO

Após a realização desta pesquisa, concluímos que a construção da igualdade entre gêneros envolve problematizar o que, muitas vezes, percebemos como “natural” e considerar que dividir meninos e meninas no ambiente escolar utilizando apenas

gênero como critério, pode contribuir para que ambos não desenvolvam suas capacidades completamente. É possível notar desigualdades de gênero nas divisões das tarefas sejam elas em casa ou na escola, na escolha das cores assim como das brincadeiras e dos brinquedos e do local onde se passa o recreio. Essas diferenças são reforçadas repetidas vezes dentro do ambiente escolar e refletem também na vida em sociedade. Por isso, faz-se necessário realizar práticas que valorizem as capacidades de cada indivíduo independentemente de seu gênero e incentivar os alunos a refletirem sobre preconceitos de gênero, contribuindo, dessa forma, para a construção de uma sociedade mais justa sob os princípios da igualdade e da justiça.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Lúcia Pacheco de. **Tipos de pesquisa**. In: ALMEIDA, Maria Lúcia Pacheco de. Como elaborar monografias. 4. ed. rev. e atual. Belém: Cejup, 1996.

AUAD, D. **Formação de Professoras, Relações de Gênero e Sexualidade: Um Caminho para a Construção da Igualdade**. Centro Acadêmico Professor Paulo Freire. Disponível em: <http://cappf.org.br>

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís A. Reto e Augusto Pinheiro. 5ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BROUGÈRE, GILLES. **Brinquedo e Cultura**. 1994, Cortez Editora, São Paulo- SP, 2006.

CASAGRANDE, L. S. **Relações de Gênero e Educação: Um Convite à Reflexão**. In: Gênero e Diversidade Sexual no Ambiente Escolar. Refletindo Gênero na Escola. A Importância de Repensar Conceitos e Preconceitos. Secretaria de Educação Continuada. Ministério da Educação. Curitiba, 2008.

GIL, António Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. Editora Atlas S.A. São Paulo. Brasil, 2008.

NUNES, C. A. **Desvendando a Sexualidade**. Campinas, SP: Papyrus, 2002.